

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

41

INSCRIÇÕES 181-184



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1992

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista *CONIMBRIGA*, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O *FICHEIRO EPIGRÁFICO* publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of *CONIMBRIGA* whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even be omitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do
CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga

ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra

Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja

Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos

Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto “VBI ERAT LVPA”
(2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.



O EPITÁFIO PALEOCRISTÃO DE *FESTELLUS* (MÉRTOLA)

FOTO 181

Este epitáfio pertence ao espólio da colecção do núcleo paleocristão do Campo Arqueológico de Mértola e foi encontrado, durante a campanha de 1990, sobre a respectiva sepultura, junto à basílica paleocristã do Rossio do Carmo.

Trata-se de uma placa rectangular de mármore branco de grão fino, de espessura irregular, que foi alisada na face posterior e polida na face anterior.

A decoração, que encima o texto, é constituída por um arco cordado, com uma pequenina cruz de braços iguais posta no ponto em que se situaria a pedra de fecho. Sob este arco foi desenhado um círculo que encerra uma cruz pátea. No espaço entre os braços desta cruz podem ver-se quatro folhas de hera, com o pecíolo muito destacado. Este tema ocorre também em Mértola nos epitáfios de *Senatrex* e de *Fortunata*⁽¹⁾.

Dimensões: $83,5 \times 24,5 \times 3,2/4,2$.

(*sub arcu circulus in quo crux*)

FESTELLVS FA/MVLVS DEI VI/XIT ANOS VI/SEX
REQVIEVÎ IN / PACE DĒ VII KA/LENDAS MAR/TIAS ERA
DLXV / HORA PRO / ME

Altura das letras: 3 (l. 1: 2,5; l. 2: I = 1; l. 4: I = 1, E = 2; l. 6: E = 1; l. 8: X = 1).

⁽¹⁾ Cf. J. VIVES, *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona, 1968, n.ºs 493 e 529, respectivamente.

O texto apresenta-se alinhado à esquerda e foi distribuído por nove linhas. As letras ocupam quase sempre todo o espaço que lhes foi destinado, dentro de uma pauta, em parte ainda visível, de 3 cm de altura, a espaços interlineares de 1,5 cm. Na l. 1, onde está o nome do defunto, as letras são mais pequenas que nas restantes, e estão encostadas à linha superior da pauta, deixando um maior espaço interlinear com a linha seguinte. Este efeito da *ordinatio* acaba por destacar o nome do defunto do resto do texto dispensando o recurso a letras de maior tamanho.

O alfabeto é muito regular e — apesar de se notarem alguns traços de influência cursiva, como no caso do *d*, da l. 2, do *p*, *c* e *d*, da l. 5, ou da generalidade do desenho dos *ll* que apresentam um perceptível ondulamento das barras horizontais — nota-se que houve uma preocupação de se manterem firmes as barras dos *tt* e as hastes dos *mm* e *rr*. Na l. 4, o *n* denuncia esta situação de compromisso entre um alfabeto destinado a ser gravado em pedra e o seu prévio esboço a pincel, mostrando assim como foi conjugada a necessidade de linhas rectas, próprias do traçado em pedra, com um vasamento que acentuou os segmentos curvos da letra, que denunciam um esboço pintado. Quanto à forma das letras, chama-se a atenção para a barra quebrada dos *aa*, para o arqueado da barra superior do *f*, de três traços, e para a exiguidade das barras dos *ee*. Certamente por esquecimento do lapicida, não foram gravadas as barras horizontais do *e* de *kalendas*. Na datação, o numeral *V* tem uma terminação floreada.

A única abreviatura da inscrição aparece-nos em *d(i)e* e foi sinalizada por um traço horizontal sobre o *d*. Abundam as letras inclusas: na l. 2 e l. 4, o *i* está incluso no *V*; na l. 6, o *e* de *kalendas* está incluso no *l*. Na l. 4, em *requiev<i>t*, há um nexa, que é o único da inscrição: o *v* está em nexa com o *t*, e o *i* está ou omisso ou incluído na haste do *t*. Na l. 9, o fim do texto é indicado por um sinal oblíquo em forma de *y*.

Leitura:

*Festellus fa/mulus Dei ui/xit annos VI sex requiev<i>t in / pace
d(i)e VII ka/lendas Mar/tias era δLXV (quingentesima sexagesima
quinta) / hora pro / me.*

Na Hispânia, a referência, por extenso, ao número de anos de idade já estava documentada⁽²⁾. Contudo, não conhecemos, na

(2) Cf. J. VIVES, *ibid.*, n.º 262: «*qui vixit annos sex*», de Cartagena.

península, outro exemplo do registo repetido do número de anos — pelo numeral e por extenso.

A fórmula *ora pro me* é conhecida noutro epitáfio deste mesmo cemitério onde aparece também, presumivelmente, no fim do texto⁽³⁾. A grafia *hora* por *ora*, com a adjunção de um *h* no início de linha e antes de vogal, está bem documentada na epigrafia paleocristã hispânica⁽⁴⁾. Numa inscrição de Ficalho, recentemente publicada⁽⁵⁾, usou-se e abusou-se desta prática.

O nome *Festellus* aparece pela segunda vez na onomástica deste cemitério. Uma inscrição, datada de 510, regista um *Fistellus, vir honestus*⁽⁶⁾. A forma feminina, *Festela*, também já foi registada na Hispânia, em Tarragona⁽⁷⁾.

Esta inscrição funerária está datada do dia 23 de Fevereiro do ano de 527.

MARIA MANUELA ALVES DIAS
CLÁUDIO TORRES

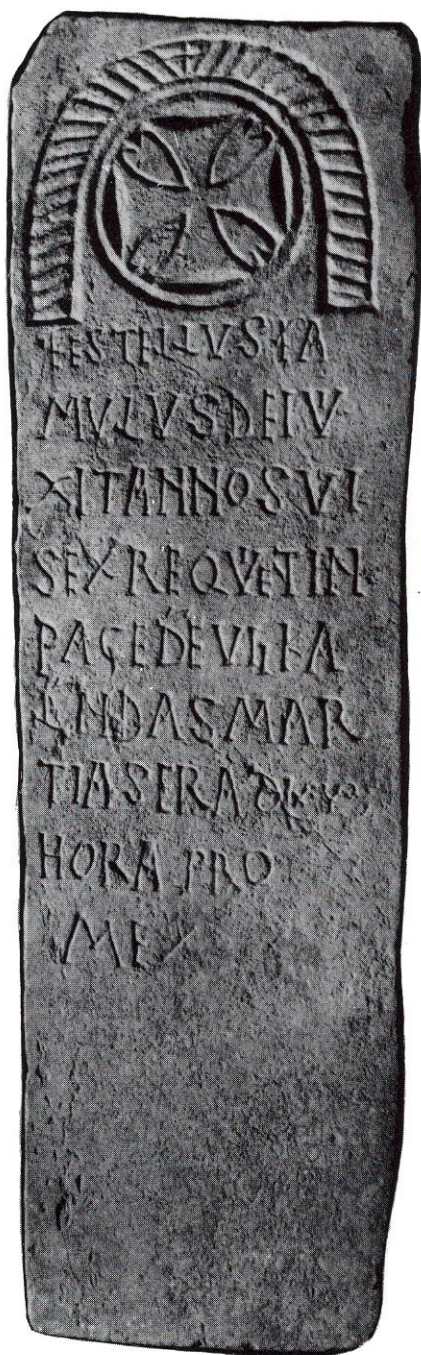
⁽³⁾ Cf. J. VIVES, *ibid.*, n.º 496.

⁽⁴⁾ IHC 142, 361, 384 e 533.

⁽⁵⁾ Cf. M. M. A. DIAS; A. M. M. SOARES, *O epitáfio paleocristão de Martinus, Vila Verde de Ficalho, Serpa*, «O Arqueólogo Português», s. IV, 5, 1987, p. 233-239.

⁽⁶⁾ Cf. J. VIVES, *ibid.*, n.º 487.

⁽⁷⁾ Cf. J. VIVES, *ibid.*, n.º 295.



O EPITÁFIO PALEOCRISTÃO DE *LEOPARDUS* (MÉRTOLA)

FOTO 182

Esta inscrição pertence ao espólio da colecção do núcleo paleocristão do Campo Arqueológico de Mértola e foi encontrada sobre a respectiva sepultura, na basílica paleocristã do Rossio do Carmo, durante a campanha de trabalhos arqueológicos de 1990.

O suporte, constituído por doze fragmentos, conserva-se, contudo, completo. Trata-se de uma placa rectangular de mármore cinzento escuro, com veios carboníferos.

O texto aparece-nos enquadrado pelo desenho de um arco corado, apoiado em duas colunas torsas de base e capitel decorados, sob o qual duas pombas ladeiam uma cruz pátea cujo pé foi prolongado de modo a apresentar as proporções duma cruz latina e não as de uma cruz grega como seria natural. Estes motivos decorativos de arcos e colunas, bem como o da cruz ladeada por pombas afrontadas, são vulgares na iconografia tumular desta basílica; como novidade sublinhe-se, de novo, a cruz em proporções de cruz latina, em vez duma cruz pátea de braços iguais. Em todo o traçado desta decoração são ainda claramente visíveis algumas linhas de orientação e pontos que serviram de centro ao traçado dos arcos de círculo.

Dimensões: $82,5 \times 50 \times 3$.

Campo epigráfico: $56,3 \times 26,5$.

(*columna, arcus, columna*)

(*columba, crux, columba*)

LEOPARDVS / FAMVLVS DEI / VIXIT AN̄N L̄DVOS/
/ D̄ XXXVI RECESIT / IN PACE D VI KAL IAN/N̄VA-
RIAS ERA δLXIII.

Altura das letras: 1. 1 a 3: 4; 1. 4 a 6: $3,5/4$ (1. 5: $E = 1,5$).

Numa primeira análise, é visível a não homogeneidade do traçado dos caracteres do alfabeto desta inscrição. Os *cc* são muito abertos. Os *dd* obedecem a dois desenhos diferentes: o primeiro, na l. 1, segue um traçado em três tempos, os restantes cumprem um traçado em dois tempos. Os *ee* apresentam também duas formas — uma,

na l. 1, mais aproximada do traçado cursivo, mostra o ângulo inferior de ligação da haste com a barra horizontal a tender para o encurvamento, a outra, casos de l. 2 e l. 6, já não apresenta esta tendência. O *f*, na l. 2, é de três traços, com a barra superior sem arqueamentos, a cortar a haste vertical da letra que, certamente por defeito do gravador, depois desta intercepção, foi deslocada para a direita. Os *ll* têm o pé acentuadamente oblíquo. O *m* da l. 2 parece formado a partir da ligação de dois *aa*. Também os *nn* e os *oo* apresentam desenhos diferentes. Os *rr* mostram uma acentuada atrofia do segundo pé. Os *ss* são, como de costume aliás, as letras mais difíceis, e será por tal que, na l. 1, não foi possível ao lapicida manter o equilíbrio entre as duas curvas da letra que, como se vê, parece caída para a frente.

Globalmente, nota-se que houve uma grande preocupação no traçado da primeira linha, a que contém o nome de defunto, e, depois, observamos um progressivo descuido à medida que o texto avança, surgindo então letras com marcada influência de formas cursivas — repare-se na sílaba final da l. 2, *os*, — que denuncia claramente um esboço prévio a pincel.

Apesar de não haver sinais de pontuação, convém assinalar o cuidado de *ordinatio* que levou ao uso de um traço oblíquo, na l. 4, para preencher o espaço que ficava entre a última palavra e o fim da linha, prática que ocorre noutras inscrições funerárias deste cemitério.

Aparecem dois nexos: na l. 3, *Ld* em *L duos*; na l. 6, *nu* em *Iannuarias*.

Os sinais de abreviatura são de dois tipos: traços horizontais no espaço sobre as letras e traços oblíquos que as cortam parcial ou totalmente. Assim nas l. 3 e 4, o traço horizontal superior indica a abreviatura de *ann(os)* e *d(ies)*; o traço oblíquo foi usado, na l. 5, para a abreviatura em *d(ie)*, e um traço oblíquo quebrado, cortando o *l*, para a abreviatura de *kal(endas)*.

Leitura:

Leopardus / *famulus Dei* / *uixit ann(os)* *L duos* (*duos et quinquaginta*) / *d(ies)* *XXXVI* (*sex et triginta*) *recesit* [sic] / *in pace d(ie)* *VI* (*sexta*) *kal(endas)* *Ian/nuarias* era δ *LXIII* (*quingentesima sexagesima quarta*).

O nome *Leopardus* não tinha sido, até agora, registado na epigrafia paleocristã da Hispânia; contudo, foi muito vulgar entre os

nomes dos cristãos de Roma⁽¹⁾. Como cognome romano, aparece apenas no Baixo Império⁽²⁾.

A forma *recesit* (= *recessit*) não é nova na epigrafia cristã da Hispânia: temos esta grafia numa inscrição de Mérida datada de 381⁽³⁾.

Esta inscrição funerária está datada de 27 de Dezembro de 525.

MARIA MANUELA ALVES DIAS
CLÁUDIO TORRES



FOTO 182

(¹) I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 327, refere 21 exemplos de homens com este cognome e nove mulheres que usaram a forma feminina, *Leoparda*.

(²) Cf. H. SOLIN, *Die innere Chronologie des römischen Cognomens*, «L'Onomastique latine», Paris, 1977, p. 122.

(³) Cf. J. VIVES, *Inscripciones Cristianas de la España Romana y Visigoda*, Barcelona, 1968, n.º 18.

FRAGMENTOS DO EPITÁFIO PALEOCRISTÃO DE *STEFANUS* (MÉRTOLA)

FOTO 183

Estes fragmentos pertencem ao espólio da colecção do núcleo paleocristão do Campo Arqueológico de Mértola, e foram encontrados numa camada de enchimento da basílica paleocristã do Rossio do Carmo, durante as campanhas de trabalhos arqueológicos de 1989 e 1990.

Restam do suporte deste epitáfio quatro fragmentos de mármore cinzento, três deles ajustáveis, o quarto, pelas suas características intrínsecas (espessura, conservação do suporte e características paleográficas) pertence inequivocamente a esta inscrição. Por toda a placa são visíveis vestígios de um picotado fino, coadjuvante do desbaste e prévio ao polimento do campo epigráfico.

No primeiro fragmento ainda se notam alguns vestígios de decoração, talvez um arco cordado, encimando o texto e contendo possivelmente um outro motivo à semelhança das decorações dos epitáfios de *Festellus* (FE 181) ou dos de *Senatrex e Fortunata*⁽¹⁾.

Dimensões: $(47,5) \times (28) \times \pm 3$.

STEFAN[.....]/LVS DĒ [...] / LX RE[.....] / IN PAC
[.....] / NOV[...]RE[.] / ERA δ[.]XV

Altura das letras: 1. 1: 3,5/4 ($S = 4,5$); 1. 2: 3,5; 1. 3: 3/3,5; 1. 4: 3 ($O = 2,5$); 1. 5: 3,5.

Paleograficamente, as letras que nos restam desta inscrição parecem aproximar-se das do alfabeto da inscrição de *Rufina* (ano 587), de Mértola também⁽²⁾.

⁽¹⁾ Cf. J. VIVES, *Inscripciones Cristianas de la Espana Romana y Visigoda*, Barcelona, 1968, n.ºs 493 e 529 respectivamente, provenientes desta mesma basílica.

⁽²⁾ Cf. J. VIVES, *ibid.*, n.º 494.

Stefan[us famu]/lus De(i) [vixit annos] / LX (sexaginta) re[quievit] / in pa[ce d(ie).....] / Nov[emb]re[s] / era δ[CL?]XV (sescentesima sexagesima quinta?).

Stefanus é um nome grego que foi usado pelos romanos, como cognome, muito antes do advento do Cristianismo. Na Hispânia, existem alguns exemplos pagãos do uso do cognome⁽³⁾. A sua maior divulgação na Hispânia situa-se, a partir do séc. II, quase só nos estratos sociais e jurídicos não privilegiados. É de notar que a sua única referência hispânica, no período republicano, esteja na pessoa de um liberto⁽⁴⁾.

Na epigrafia paleocristã da Hispânia, o culto de *Stefanus* está bem documentado, como se pode ver pelas inscrições referentes a relíquias do santo⁽⁵⁾. Também está referido em calendários litúrgicos⁽⁶⁾, em consagração de Igrejas e altares⁽⁷⁾ e em ofertas de objectos votivos⁽⁸⁾. Como nome aparece em grego, na inscrição funerária de Tomás, filho de Estêvão⁽⁹⁾, e em latim nos nomes de presbíteros, em Tarragona e em Mérida⁽¹⁰⁾.

Tendo em vista que, não sendo viável fazer ascender este exemplo de *Stefanus* ao uso continuado, na Hispânia, do cognome greco-romano, há que entendê-lo, nas comunidades cristãs peninsulares, como estando estreitamente relacionado com o culto, aliás tardio, deste santo. Foi nesta ordem de ideias que, uma vez que, na l. 6, o espaço que medeia entre os dois fragmentos comporta a possibilidade da existência de duas letras, se optou pela restituição *CL*, embora, como é evidente, ela possa ser outra. Sendo possíveis *XX*, *XL* e *LX*, a paleografia desta inscrição induz a ideia duma cronologia mais adiantada; *CC* parece-nos, por outro lado, que seria um exagero.

(3) ILER: 4184, Zaragoza; 4947, Mérida; 377, Córdoba, a. 238; 5005, Jemena, Jaén.

(4) Cf. G. ALFÖLDY, *Die römischen Inschriften von Tarraco*, Berlin, 1975, n.º 6.

(5) Cf. J. VIVES, *ibid.*: n.º 304 (*Stefani*, Medina Sidónia), a. 630; n.º 316 (*Istefani*, Loja); n.º 310 ([...] *fani*, Vejer de Miel), a. 674; n.º 548 (*S[tefani]*, Mérida), do séc. VII.

(6) Cf. *ibid.*: n.º 333a (*S[te]fani*, Carmona); n.º 334 (*Stefeni*, Itálica), séc. VI-VII.

(7) Cf. *ibid.*: n.º 303 (*Stefani*, Iliberis).

(8) Cf. *ibid.* n.º 377 (*Stephanus*, Guarrazar).

(9) Cf. *ibid.*, n.º 422.

(10) Cf. *ibid.*: n.º 533 (*Stephanus Alexandrinus*, Tarragona), do séc. VII; n.º 533 (*Stephanus*, Mérida), a. 552?).

Note-se, no entanto, que a grafia *Stefanus*, por *Stephanus*, não poderá ser sempre considerada como indicio de uma fase tardia da língua, dado que ela aparece precocemente nos portadores romanos, ou romanizados, do cognome⁽¹¹⁾.

Admita-se que esta inscrição tenha sido datada de um dos dias do mês de Outubro, ou de Novembro, talvez do ano de 627 (?).

MARIA MANUELA ALVES DIAS
CLÁUDIO TORRES



FOTO 183

⁽¹¹⁾ Cf. H. SOLIN, *Die griechischen Personennamen in Rom*, Berlin, 1982, p. 1182-1188.

FRAGMENTOS DE UM EPITÁFIO GREGO PALEOCRISTÃO (MÉRTOLA)

FOTO 184

Dos entulhos das antigas escavações da basílica paleocristã de Mértola foram recuperados, em 1988, três fragmentos ajustáveis do que resta de uma placa funerária de mármore branco, alisada nas duas faces, que conservam sete linhas de um epitáfio grego cristão.

Dimensões: $22 \times 24,4 \times 2,7$.

[...] / [...] / ΕΖΕÇΕ[.....] / (*tria puncta*) ξ (*tria puncta*)
ΠΛΕΩΝ/ΕΛΑΤΤΩ ΕΚ/ΟΙΜΕΘÊ ΕΝ ΙΡΗΝΗ/ΜΗ ΑΠΡΕΑΛΙΩ/
ΙΗΪΝΔΙΚ [...] / ΑΔ (*hedera?*)

Altura das letras: 1,7 a 3.

A inscrição está alinhada ao centro do suporte, e são ainda visíveis vestígios de linhas de orientação de escrita.

Na actual l. 4, observam-se os seguintes nexos: *με* e *θε* (em *ἐχοιμέθε*), e um nexo de três letras *νηη* (em *ἐρήνη*), onde é pouco nítida a barra transversal do *ny*. Na l. 5, encontramos o nexo *μη*, que, no mínimo, seria uma abreviatura de *μη(νί)*, mas que também se pode considerar uma forma monográfica da palavra completa — *μηνί*. Na l. 6, há quanto a nós, um *iota* incluso no *delta*.

Quase todo o alfabeto é de formato rectangularizado, exceptuando o *theta*, e naturalmente, o *omicron* e o *omega*. A barra do *alpha* é quebrada. Note-se também que o numeral indicativo da idade do morto aparece isolado entre duas linhas de três pontos verticais⁽¹⁾; de facto, nesta 2.^a linha de pontos, não se devem contar quatro, dado que o «1.^o» ponto, a contar de cima, corresponderá, sem dúvida, ao normal ápice que acompanha o numeral. Quanto ao ápice que se observa na terceira letra da penúltima linha e cujo significado não tem entendimento na sequência textual, pensamos que ele não seja senão um erro do lapicida que, primeiro, o marcou aqui, e

(¹) Cf., v. g., D. FEISSEL, *Recueil des Inscriptions Chrétiennes de Macédoine, du III^{ème} au VI^{ème} siècle*, Paris, 1983, n.º 31, epitáfio do séc. V ou VI.

não no numeral anterior, e que, depois, corrigiu a marcação mas já sem poder apagar o engano.

A sequência formular obedece ao que é conhecido dos tratadistas⁽²⁾.

Observam-se as seguintes particularidades ortográficas:

- a) troca de uma abertura vocálica por outra: ε *pro* ι em Ἀπρελλίω;
- b) trocas entre as quantidades das aberturas vocálicas: ε *pro* η em ἔζησεν e ἐκοιμήθη (ἐκοιμήθη); ω *pro* ο em πλέων e ἔλαττω(ν) (πλέον ἔλαττον);
- c) provável troca de uma abertura vocálica por um ditongo oral com a mesma quantidade: ω *pro* ου em Ἀπρελλίω, e ι *pro* ει, em ἱρήνη;
- d) duplicação gráfica da líquida: Ἀπρελλίω;
- e) perda gráfica da nasal final: ἔλαττω (ν).

Na Hispânia paleocristã, a datação expressa é menos frequente nos epitáfios gregos que nos epitáfios latinos; tal como nestes, alguns incluem a referência à *era* que, como se sabe, é uma das particularidades da epigrafia paleocristã hispânica.

Esta inscrição, como a interpretamos, apresenta uma forma de datação por contagem contínua dos dias do mês, isto é, sem referências a calendas, idos ou nonas⁽³⁾, seguida por uma referência à indicação⁽⁴⁾.

A inscrição terá tido, na última linha, uma *hedera* decorativa de grande tamanho, pois interpretamos como pecíolo de *hedera* o traço descendente que segue a última letra conservada, admitindo-se que a folha estivesse centrada no eixo do campo epigráfico. Em Mértola, já tínhamos observado a presença de uma *hedera* decorativa, como remate de fim de texto, num epitáfio paleocristão latino do ano

(2) Cf., v. g., F. Grossi GONDI, *Trattato di Epigrafia Cristiana, Latina e Greca del Mondo Romano Occidentale*, Roma, 1920, p. 95, 97 e 195.

(3) Cf., v. g., F. Grossi GONDI, *ibid.*, p. 195-196 e 205, que atribui a contagem progressiva aos começos do séc. V. Temos, na Sicília, uma abundante documentação epigráfica desta forma de datar: cf. S. L. AGNELLO, *Silloge di Iscrizioni Paleocristiane della Sicilia*, Roma, 1953, n.ºs 3, 8, 23, 27, 28, 30 e 95.

(4) Cf. E. J. BICKERMAN, *Chronology of the Ancient World*, London, 1969, p. 78-79.

524⁽⁵⁾. Neste caso, a *hedera* cortaria a última linha do texto funerário, à semelhança da cruz que se interpõe a meio de uma palavra⁽⁶⁾.

A estrutura textual que se observa é a seguinte: o nome — «viveu mais ou menos 60 anos» — «descansou na paz do Senhor» — «pelos 18 dias do mês de Abril da indicação ?» — está aqui sepultado⁽⁷⁾.

Leitura:

[...] / [...] / ἔζησε[ν ἐτῶν ?] / ἔξ' (ἔξῃκοντα) πλέω(ν) / ἔλαττω
ἐκ/οιμέθε ἐν ἱρήνῃ / μη(νί vel νος) Ἀπρελλίῳ (vel Ἀπρελλίου / ιη'
(ὀκτωκαίδεκα) Ἰνδι[κ τιῶνος (?)] ἐνθ[?] / ἄδ (*hedera*) [ε καί τε].

Portanto este epitáfio apenas refere alguém, cujo nome desconhecemos, mas que sabemos ter falecido com, aproximadamente, 60 anos (πλέον ἔλαττον = *plus minus*), pelo 18.º dia de Abril (= 2 de Abril) de um ano que não sabemos qual, e que aqui foi enterrado.

LUÍS COELHO

MARIA MANUELA ALVES DIAS

CLÁUDIO TORRES

(⁵) Cf. M. M. Alves DIAS e C. TORRES, *O epitáfio paleocristão de Aianes (Mértola)*, «Ficheiro Epigráfico» 26, 1988, n.º 121.

(⁶) Cf. J. M. de ALMEIDA, *As inscrições gregas do Museu Nacional de Arqueologia*, «Arqueologia», 13, 1986, n.º IV.

(⁷) Esta estrutura textual identifica-se com, v. g., K. WESSEL, *Inscriptiones Graecae Christianae Veteres Occidentis*, [1934], Bari, 1989, n.º 1376, do cemitério de S. João em Siracusa.



FOTO 184